

Peleja, ajuda e sacrifício na criação de animais do ‘povo’ do Góis-CE

Struggle, aid and sacrifice in animal breeding by the ‘people’ of Góis-CE

Nathan Lima Virgílio¹

Resumo

O artigo tem, como temas principais, o ‘sacrifício’ e ‘peleja’ nas relações de criação constituídas em uma comunidade de pequenos produtores rurais chamada Góis-CE, localizada no nordeste brasileiro. O artigo procura submergir o leitor no ambiente da casa, onde as atividades relacionadas à criação de animais florescem pelas mãos e pernas de avós e mães. Estas são mulheres que assumem a autoridade no saber-criar e nas práticas apropriadas à ‘peleja’ com parentes e animais. Juntamente com o ‘povo’, ou a comunidade de pessoas que vivem e transitam entre as casas dos proprietários do Góis, mães e avós ‘pelejam’ com filhos, netos e animais de criação para que suas vidas floresçam. Como mostro no artigo, redes de ajudas são essenciais na ‘peleja’ com parentes e animais. Ajudas são dadas e recebidas onde parentes têm casas e galinhas têm chiqueiros. Estas ajudas são frequentemente lembradas em ‘histórias’ e acompanhadas com ‘sacrifícios’ implicados nas relações de criação com porcos, cabras e galinhas chamadas de ‘trabalhosas’, por suas criadoras.

Palavras-chave: Sacrifício. Tempo. Relações de criação. Animais de criação.

Abstract

This article has as main themes the ‘sacrifice’ and ‘peleja (struggle)’ in raising relations constituted by small landowners and their livestock in a rural community called Góis, located in Northeast Brazil. The article aims to submerge the reader in the house environment, where the activities related to the caring for animals flourishes by the legs and hands of grandmothers and mothers. These are women that assume the authority over the raising knowledge and properly practices on the ‘peleja’ with kin and animals. Together with the ‘povo’, or the community of persons who lives and transits between the house of Góis landowners, mothers and grandmothers struggles with children, grandchildren and livestock in order to make their live flourish. As I show in the article, web of aids are essentials to the struggle with kin and animals. Aids are given and received where kin have houses and chickens have coops. These aids are often remembered in ‘histories’ and accompanied with ‘sacrifices’ implicated in rearing relations with pigs, goats and chickens called ‘trabalhosos’ (laborious) by their breeders.

Keywords: Partisanship. Sacrifice. Time. Rearing relations. Livestock.

Introdução

O presente artigo parte de um dos vários ‘interiores’² do sertão cearense, situado na zona rural do município de Ipueiras-CE³. O ‘interior’ com o qual teremos contato nas páginas a seguir se chama Góis, terra de meus avós, Dona Gonçala e Seu Expedito, terra de pequenos

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN-UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil). E-mail: nathan.virgilio@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8434-8917>.

² ‘Interior’ se refere às comunidades situadas nas zonas rurais dos municípios do sertão cearense. As menções à região neste texto concernem à microrregião do Ipú e do Sertão de Crateús, localizadas no oeste do Estado do Ceará. As expressões das pessoas com quem convivi em campo, como no caso do termo ‘interior’, estarão entre aspas simples.

³ O município de Ipueiras está na microrregião do Ipu, noroeste do Estado do Ceará. Segundo dados do IBGE (2017), o município data do Ceará Colonial, quando era parte da Fazenda do Cel. Manuel Chaves. Atualmente, Ipueiras é composta por sete distritos e tem uma população que gira em torno de 38 mil habitantes, sendo a maioria localizada na sede, referida pelas populações rurais como ‘rua’.

proprietários rurais que tiram o grosso de seu sustento de atividades como a criação doméstica de animais e o 'trabalho' no roçado, marcado aqui como uma categoria de trabalho especial, porque o 'trabalho pesado', desgastante, que envolve uma ampla variedade de serviços ligados à roça. Além disso, grande quantidade da renda do 'povo'⁴ do Góis e de outras comunidades rurais da região vem da aposentadoria rural e de programas de transferência direta de renda, tais como o Bolsa Família.

Meus dias de trabalho de campo no Góis tiveram início na última semana de março de 2014, se estendendo até a última semana de julho daquele ano. Após dois anos refletindo e escrevendo sobre este primeiro período de campo, retornei à comunidade para uma segunda estadia, durante o primeiro semestre de 2017. Ao longo dos meses em que estive no Góis para o trabalho de campo, passei grande parte do tempo entre a casa de meus avós e de outros parentes, estando sempre à disposição para 'ajudar' nos diversos serviços ligados à criação de animais e ao trabalho na roça. Foi assim que animais como cabras, porcos e galinhas, isto é, animais de criação de quintal, não só estiveram presentes, mas ajudaram a compor meu cotidiano em campo.

As andanças das criações não só nos quintais das casas do Góis, mas também nos caminhos que nos levam a essas casas, isto é, nas 'rodagens', assim como sua presença em forma de alimento nos almoços, em vasilhas, caixas e sacolas que circulam entre essas casas, ensejam reflexões a respeito da relação entre esses animais, também chamados pelo 'povo' de 'bichos brutos' e as criaturas humanas, com quem convivem durante toda sua existência. Discussões e referências sobre as relações entre humanos e animais, mesmo sobre as relações entre humanos e criaturas como plantas e fungos não são caras novas em etnografias e publicações que compõem o corpo teórico da teoria antropológica. De fato, pode-se dizer que os animais já são velhos conhecidos da disciplina, tendo despertado interesse de nomes sempre presentes nos cursos de teoria antropológica.

Exemplos deste interesse são as publicações vinculadas ao que Lévi-Strauss (1975, p. 27) chama de "ilusão totêmica", onde os animais surgem como objetos de culto, como veículos espirituais, ou símbolos de atributos específicos, também compartilhando traços de parentesco com os humanos. Entre publicações mais contemporâneas, que muito me ajudaram a pensar sobre as relações entre humanos e não-humanos no meu trabalho de campo no Góis, destaco o artigo de John Law e Annemarie Mol (2008), que se concentra na questão da agência, a deslocando do campo de intencionalidade humana. Os apontamentos destes autores me levaram a pensar sobre os caminhos escolhidos e evitados pelas criações no Góis, em contraste com as próprias esperanças e expectativas que as criadoras conservam a respeito destes animais.

Também como fonte de inspiração tanto para o presente artigo quanto para meu trabalho de campo no Góis, chamo atenção para o estudo de Ana Tsing (2012) sobre a relação entre humanos e cogumelos, onde a autora questiona o excepcionalismo humano, apontando para o ser humano como criado não em relação às demais espécies que utiliza para pensar, se organizar socialmente ou mesmo se alimentar, mas com e entre elas, estando tais seres presentes na própria constituição da natureza humana.

As relações de criação estabelecidas entre as criadoras do Góis e seus animais demandam muita 'peleja', como diz o 'povo'. É em meio a esta 'peleja' que as criadoras aprendem sobre os hábitos de cada um de seus animais e mesmo dos animais de parentes e vizinhas. É em meio a esta 'luta'⁵ que põem em prática verdadeiros exercícios de interpretação dos atos e berros comunicativos de seus animais. Trabalhos como os de Eduardo Kohn (2007) e

⁴ Em poucas palavras, o termo 'povo' se refere à organização social da comunidade do Góis. Ter um 'povo', ser de um 'povo' supõe que uma pessoa existe sempre em meio a uma coletividade de parentes, onde o vínculo sanguíneo é, se não determinante, ao menos pressuposto. Para uma interessante análise do termo 'povo', no caso, entre moradores de uma comunidade rural do Norte de Minas, ver: Ana Carneiro (2010, p. 161).

⁵ No artigo de Comerford (1999) junto a trabalhadores rurais do oeste da Bahia, o termo "luta" como usado por esses trabalhadores, têm interessantes semelhanças semânticas com o termo luta que trago nesse artigo.

Guilherme de Sá (2012), por se voltarem à comunicação interespecífica, também me foram de grande valia durante meu trabalho de campo, pois que me ajudaram a pensar nos atos comunicativos promovidos entre gente e ‘bicho bruto’ no Góis.

Temos então o delineamento da comunidade onde foi processado meu trabalho de campo. Temos também importantes inspirações teóricas às quais pareio o propósito central do presente artigo. Parto agora para o delineamento deste propósito. Para finalizar esta parte introdutória, trago ainda os esclarecimentos acerca de meus métodos de pesquisa.

O propósito central do presente artigo é, partindo do abate de um bode, trazer à leitora um pouco do ‘sacrifício’ e ‘peleja’ pressupostos nas relações de criação construídas no convívio entre criadoras e animais de criação. Eis uma constante na vida de uma criadora que é também mãe e avó na comunidade do Góis: ‘se sacrificar’ para que o ‘povo’ e as criações floresçam em netos, casas, pintos e cabritos. Todo o primeiro tópico será dedicado ao ‘sacrifício’ no Góis, ainda que ele persista até o fim do artigo. Talvez seja essa a parte mais sanguinária do texto. E para aqueles que não estão com o estômago em dia, sugiro que a leiam com cautela. E o mais importante: ‘sem pena’.

O ‘sacrifício’ e ‘peleja’ demandados a quem se põe a criar no Góis é tão constante no cotidiano quanto constante são, na vida dos velhos e velhas moradoras do Góis, as conversas e ‘histórias’ sobre o ‘tempo antigo’. Como veremos no segundo tópico, nestas ‘histórias’ são trazidas todo um mundo povoado de gente com ‘respeito’ e ‘sabedoria’, ainda que muito sofrido. O ‘tempo antigo’, apesar de antigo, sempre surge uma vez ou outra no cotidiano de criação de gente e ‘bicho bruto’.

Na comunidade do Góis, há quem tenha ‘jeito’ com as criações, assim como há quem seja ‘bruto’ com elas. Também há mães que têm filhas e netos que ‘ajudam’ com bichos e ajudando, ‘pelejando’ todo dia, acabam aprendendo a ‘sabedoria’ construída entre tempos, entre avós, mães e filhas, ao mesmo tempo que se habituam, criam ‘coragem’ para enfrentar as provações que surgirão ao longo da vida de uma criadora. Este tema da habituação à ‘peleja’ com as criações será abordado no terceiro tópico.

Finalmente, no quarto e último tópico, nos concentraremos no gosto de ‘ajudar’ e nas redes de ajuda construídas nas próprias relações de criação. Também neste tópico, nos depararemos mais uma vez com o dificilmente controlado sentimento de ‘pena’, da qual é preciso se distanciar em momentos tão cruciais como o abate das criações.

Durante meu trabalho de campo, precisei lidar com a questão da familiaridade acerca dos lugares e das pessoas em campo. Uma forma de lidar com a questão foi a escrita do diário. Sempre que eu o escrevia, conseguia me afastar um pouco do cotidiano, revivendo momentos que tinham acabado de acontecer, ou que tinham acontecido ao longo do dia. Não obstante, estando na casa de meus avós, muitas vezes eu era chamado para ajudar em algum serviço, sendo mesmo interrompido na escrita do diário. Nestes momentos, por vezes era possível pôr-me a ‘espiar’⁶ os serviços postos à cabo por meus avós.

Com o passar dos dias de minhas experiências em campo, acabei por conseguir pôr-me a ‘espiar’ ao mesmo tempo em que ajudava meus avós e até em momentos de conversas descontraídas com eles e com outros parentes. O que me foi bastante frutífero tendo em vista minhas obrigações de campo. É assim que o método de pesquisa que utilizei largamente durante meu trabalho de campo foi uma mistura do ato de ‘espiar’ com as ajudas que dei na peleja do ‘povo’ com parentes e ‘bichos brutos’. Se eu tiver que dar um nome ao método, o chamaria de método ajuda e espia. Entretanto, evitarei tal alcunha pelo fato de sua estranheza.

⁶ A palavra ‘espiar’, como usada pelos moradores do Góis e região, pode ser entendida em dois sentidos. Primeiro, pode ter o sentido de estar de olho nas atitudes e movimentações de uma pessoa. O segundo sentido de espiar, o qual desejo ressaltar, tem a ver com chamar atenção, “atentar-se”, ou conectar-se a um evento. Este sentido está presente em frases como: ‘Espia! A cabra tá subindo na cisterna!’. Nesse uso, a expressão ‘espia’ pode ser caracterizada como uma mensagem que, como diz Jakobson (1965, p. 125) em sua análise das funções linguísticas, tem como função a manutenção da atenção continuada a um evento. Malinowski nomeia essa função linguística de “phatic communion”, definindo-a como “a type of speech in which ties of union are created by a mere exchange of words” (MALINOWSKI, 1953, p. 315).

O texto que segue, abrindo temas e corpos, derrama-se em sangue e suor de gente e 'bicho bruto'. O texto adentra casas e quintais, envolve parentes e animais, passa por 'histórias' e termina em ajudas. Como veremos, estes temas e lugares, seres com bucho e seres com papo vivem todos no Góis e na 'lembança' que os velhos trazem do 'tempo antigo'.

Figura 1 - Imagem aérea da comunidade rural do Góis.



Fonte: Google Maps.

Se Sacrificando Com Gente E Bicho Bruto

O relógio marcava sete e meia quando Dona Gonçalves foi até o quarto de seu neto com intenção de avisar que uma de suas filhas, chamada Maria, estava precisando de 'ajuda' com um bode que o esposo, Evandro, mataria ainda naquela manhã. Ouvindo os chamados de sua avó, o rapaz rapidamente se levantou e foi até o fundo do quintal, onde se encontrava uma cancela à esquerda dando acesso a um pequeno roçado. Atravessando o roçado, o que custava apenas alguns passos, o rapaz alcançou o quintal de sua tia, onde estavam presentes Evandro, o bode e um menino chamado Gabriel.

Mal perceberam sua chegada, envolvidos na ocupação de uma manhã no quintal que ganhava os contornos, os cheiros e o som do sangue do bode que escorreria pelo chão nos minutos seguintes. O bode estava amarrado pelo pescoço em um chiqueiro de galinha. Ele parecia assustado. Seus olhos não encontravam os companheiros de rebanho. E nem mesmo o milho, disponível em uma tigela a poucos centímetros de suas patas, era suficiente para prender-lhe a atenção. Ao mirar-lhe nos olhos, o neto de Dona Gonçalves pensou que o bode estava adivinhando a chegada da própria morte. Ele era grande e gordo. Também era capado, sinal de que tinha sido criado, desde muito, para ser abatido.

Evandro precisava de ajuda para levantar o bode já morto, o que era necessário para a retirada de seu sangue. Em seguida, o animal seria aberto com um corte vertical desde o pé da barriga até o pescoço, por onde suas vísceras seriam despejadas em uma bacia previamente arranjada. Finalmente, seu couro seria completamente retirado.

Dando início ao abate do bode, Evandro o desprende da cerca, sugerindo ao neto de Dona Gonçalves que saísse do quintal, caso não quisesse ver o animal sendo abatido. Sua presença não era necessária naquele momento. Concordando que não queria ver aquilo, o rapaz saiu de

perto, permanecendo na cozinha de sua tia, junto a ela mesma e Gabriel. O bode seria abatido com golpes de machado, dados ou no topete do animal, situado atrás dos chifres, ou na primeira vértebra que liga o pescoço ao resto do corpo.

O neto da Dona Gonçala só pôde ouvir o som das pancadas e o animal tombando. Alguns instantes de silêncio. Instantes cortados pela voz de Evandro, que o chamou para ajudar a levantar o bode. Bem próximo ao local onde o animal estava caído, em uma região marginal do quintal, estava uma estrutura formada por estacas, que lembrava as traves de um campo de futebol. Sobre essa estrutura seria passada uma corda amarrada aos pés do bode. *'Eu vou jogar a corda em cima da vara e puxar do outro lado. Tu pega na perna do bode e ajuda a levantar ele'*, disse Evandro. O neto de Dona Gonçala mal teve tempo de agarrar as patas traseiras do bode antes de Evandro puxar a corda.

Ainda que pendurado de cabeça para baixo após ter levado um forte golpe no topete, o bode continuava vivo, babando, com a língua caída para fora da boca. Foi então que Evandro pediu uma faca que estava há poucos passos, sobre o chiqueiro das galinhas. Com a faca já em mãos, ele deu um rápido e certo golpe no pescoço do bode e um rio de sangue se formou imediatamente. O sangue jorrou por alguns minutos de forma muito intensa, respingando um pouco nos pés do Evandro. Mesmo assim, o animal continuava vivo.

Vendo que o bode custava a morrer, Evandro pediu para que o neto da Dona Gonçala saísse de perto, pois o fato dele estar com 'pena' do animal, estava 'empatando' sua morte. Além disso, Evandro mandou Gabriel deixar o quintal. Observando da porta de sua cozinha, Maria compreendeu a situação e chamou seu sobrinho, assim como o menino, para entrar em casa.

- *'Anda! Vem pra casa! Senão o bode não morre!'*
- *'E se tiver pena, o bicho não morre?'* O neto da Dona Gonçala perguntou a sua tia.
- *'É! Não pode ter pena – disse Maria – é porque teu pai tinha pena também, aí tu também tem. Um tempo deste, o pessoal tava matando uns bicho, e os bichos não morriam nunca, e o povo não sabia porquê. Aí, descobriram que era porque teu pai tava com pena. Por isso, não quiseram mais que ele ficasse vendo essas coisa...'*

* * *

O bode abatido por Evandro tinha sido comprado de um vizinho, mas teria destino semelhante a inúmeros bodes que nasceram e se criaram no quintal de meus avós. O bode abatido, transformado em carne, passaria a circular nos pratos do 'povo' e nas caixas de isopor enviadas a parentes que moram em cidades como Rio de Janeiro e Brasília. Tendo escapado de se perder, de ser roubado, de ser atropelado na pista, de ter sua pata quebrada por vizinhas consideradas 'nojentas', isto é, encrenqueiras e pouco amigáveis, tendo escapado das doenças que 'perseguem' gente e 'bicho bruto', o bode reuniria o 'povo' no almoço dado ao próprio 'povo'. O bode seria enviado a filhos e filhas de Dona Gonçala que, tendo 'nascido e se criado' no Góis, mudaram-se, ainda jovens, para os sertões de grandes cidades brasileiras.

O bode abatido por Evandro foi cozido por tia Maria. O bode foi comido pelo 'povo', por Dona Gonçala, minha avó, que tanto 'se sacrifica' para que bodes engordem em seu curral, nos arredores da casa, no 'terreiro', mesmo em meio a dificuldades enfrentadas e a várias dores verbalizadas em suas maldizências. Estas são dores de pernas, costas e cabeça, são dificuldades com o 'querer' de parentes e animais, enfrentadas com proezas físicas e maternas sabedorias, ditas e feitas, para que as 'criações' não fiquem magras, adoçam e até morram. Se o abate do bode é um ato literal que, como um ato sacrificial, não pode ser desfeito, como aponta Michael Lambek (2007, p. 27) em suas reflexões acerca do sacrifício, isso se deve à própria destruição do corpo do animal. Resultando no desmembramento do corpo do bode, o abate se encerra sobre si mesmo, marcando, no entanto, o recomeço ou continuidade de/em outras existências, em outros buchos.

Apesar das semelhanças, os moradores e moradoras do Góis não consideram o abate de suas 'criações' como um ato sacrificial, pelo menos não nos moldes de um clássico sacrifício ritualizado, tal como podemos ver no estudo sobre o tema feito por Hubert e Mauss (2002). Muito

provavelmente seria apontado, no máximo, o “sacrifício não ritualizado” (LAMBEK, 2014, p. 432) que é matar um bode, isto é, o desgaste de si próprio, da própria energia vital, o exercício de boa dose de ‘coragem’ e do controle da ‘pena’ que tal ato de abate implica.

Por essa via do desgaste, da ‘peleja’, o abate do animal guarda uma estreita conexão com o que podemos entender como pequenos sacrifícios cotidianos que foram necessários para que o bode viesse ser, certo dia, certa manhã e em função de certo almoço, finalmente transformado em carne. Com o abate do bode, o sacrifício cotidiano, não-ritualizado, silencioso, o “sacrifício em formas quietas” (MAYBLIN, 2014, p. 343), que suga a própria vida de criadoras como minha avó, pode finalmente encaminhar-se para um desfecho em povo gordo e unido.

Durante meu trabalho de campo na comunidade de Góis, alguns dos ‘sacrifícios’ e das ‘pelejas’ com as quais tive contato chegaram a mim através de ‘histórias’ do ‘tempo antigo’, um tempo vivido por velhos e velhas moradoras do Góis. No próximo tópico, parto deste tempo que, apesar de já distante, teima em atravessar o cotidiano de criação de filhos e animais de criação. A intervenção do ‘tempo antigo’ no cotidiano dos moradores e moradoras do Góis é recorrente, afetando a própria ‘animação’ com a criação dos próprios filhos, netas e dos ‘bichos brutos’, em meio às circunstâncias apresentadas atualmente, entre as quais, a própria a escassez de terras.

Entre Tempos e Histórias do Povo Antigo

- *‘Era pouca gente que morava aqui, rapaz’*, dizia meu avô, que já ultrapassa a casa dos noventa anos. Ele conversava comigo no alpendre de sua casa e contava ‘histórias’ do ‘tempo antigo’. A noite estava amena. O vento, tímido, soprava de vez em quando, vindo do roçado situado na frente da casa, para lá da rodagem. A luz do poste fincado nas margens do ‘terreiro’ chegava fraca ao alpendre, tornando difícil ver em detalhes quem quer que estivesse ali mais uma noite, sentado, conversando e observando quem passava pela rodagem.

Assim como muitos dos velhos moradores do Góis e de comunidades da região, já aposentado, seu Expedito passava o dia envolvido com serviços na casa e no roçado. Muito fazia, como costuma dizer, ‘por gosto’, não vendo grande retorno financeiro em suas plantações de milho e de feijão. Já tendo jantado, comido alguma coisa, após um longo dia de andanças e ‘peleja’ com os matos que crescem no roçado, com cercas que teimam em cair, Seu Expedito trazia todo um mundo em suas ‘histórias’ de ‘antigamente’.

‘Naquele tempo era umas casinha véa tudo ruim, de taipa. Também as casa era longe uma da outra. O pessoal dizia que até aparecia visagem! Muita gente via! Via tocha de fogo, gemido, grito, tudo em quanto! Era difícil demais! O carro, quando passava, era uma admiração mais grande do mundo! O povo passava era tempo olhando o rastro do carro nas estrada!’

No ‘tempo antigo’ havia poucos moradores, poucas casas no Góis. Este é um ‘tempo’ distante de um Góis mudado, que parece se inverter, ficar de cabeça para baixo enquanto passado pelas mãos do ‘povo novo’. O Góis de um tempo pouco povoado, cheio de ‘sofrimento’, era também o Góis de ‘pessoas de respeito’ e com ‘coragem’ para trabalhar. O Góis antigo, dos antigos, era terra de um ‘povo’ sabido, que diante da falta de médicos e de veterinários, recorria aos ‘remédios do mato’ para tratar das enfermidades de parentes e animais. No Góis de ‘antigamente’, jumentos e cavalos eram muito mais comuns que carros e motos. Com a ajuda desses animais, o ‘povo’ percorria rodagens abertas com a sabedoria exigida por deslocamentos entre grandes distâncias, cruzando serras e serrotes, como se o mundo fosse mesmo maior.

Quando meus avós, Seu Expedito e Dona Gonçala, me contavam suas ‘histórias’, estas não se distinguiam da “dinâmica social” (FIGURELLI, 2011, p. 236) que as construía. O Góis que trazem em suas ‘histórias’ não é um lugar cristalizado, dotado de uma topografia fixa. Parentes e acontecimentos surgem no desenrolar destas narrativas, assim como todo um mundo, tecido no próprio contar, em meio a conversas no alpendre, na cozinha, entre um e outro ‘o-que-fazer’ na presença de um filho, de um neto, de uma visita.

Como observa Moacir Palmeira (2002), em texto onde relaciona tempo e organização social entre populações camponesas do Nordeste Brasileiro, as pessoas com quem convivemos em campo não têm, necessariamente, uma visão orgânica da “estrutura social”: “A sociedade não é vista dividida em partes, ou em ‘esferas’ ou ‘espaços’, como se tomou mais adequado enxergá-la em nosso tempo acadêmico contemporâneo, mas em tempos” (PALMEIRA, 2002, p. 175). Além disso, continua Moacir Palmeira, no mesmo parágrafo, “em princípio tudo é ‘temporalizável’, mas só é ‘temporalizado’ (isto é, transformado em tempo, como o tempo da política, o tempo das festas etc.) o que é considerado socialmente relevante pela coletividade em determinado momento.” (PALMEIRA, 2002, p. 175).

Uma notável distinção entre o ‘tempo antigo’ e outras modalidades de tempo como o tempo da política, o tempo das festas, o tempo do inverno, é que o ‘tempo antigo’ parece não ser cíclico. Ainda que surja em narrativas, ainda que seja reativado em práticas tecidas entre avós, mães e filhas, o ‘tempo antigo’ encontra-se sempre em contraste com o presente. A este tempo não se retorna anualmente, tal como o ‘tempo do inverno’. Além disso, as personagens que povoam o ‘tempo antigo’ muito longe estão de uma presença constante e garantida, como ocorre com os vereadores e demais políticos no ‘tempo da política’.

Quando os velhos e velhas moradoras do Góis contam ‘histórias de antigamente’, elas abrem caminhos através de outro universo moral e de práticas próprias. Para além de dividirem seu mundo em partes, trazem partes de outro mundo. E as partes trazidas, as partes relevantes a serem trazidas, muito longe de serem as mesmas, vêm entre uma e outra ‘história’ como em fluxos narrativos que mudam o percurso a cada momento que são contados. É, portanto, que para este tópico, meu interesse se volta menos ao que é relevante no ‘tempo antigo’ e mais à maneira como os velhos e velhas moradoras do Góis amarram este tempo em suas vidas e como suas vidas são nele amarradas. Meu interesse em ‘histórias’ e no ‘antigamente’ se direciona a como as pessoas lidam com este tempo, com este mundo, como ele é envolvido, se mistura e é tornado distante na criação de animais e, em certa medida, na criação dos próprios filhos e filhas.

Em situações corriqueiras, como um tempo passado no alpendre à noite, junto com a visita de parentes, meus avós sempre traziam o ‘tempo antigo’ em ‘histórias’ que, por vezes, partiam de comentários sobre um evento que ocorria em meio à conversa noturna, tal como um motoqueiro que passava na ‘rodagem’ ou comentários sobre um neto, filho ou sobrinho considerado muito ‘preguiçoso’, muito ‘trabalhoso’. Nestes casos, era sempre ressaltada a inversão moral que há entre o ‘tempo antigo’ e o hoje em dia. Se ‘antigamente’ o ‘povo’ tinha ‘respeito’, era trabalhador, o ‘povo novo’, formado em sua maioria pelos netos e bisnetos das velhas moradoras do Góis, apenas com muita dificuldade se envolvem com as atividades produtivas na casa e no roçado.

O ‘tempo antigo’ também teima em ser feito presente na sabedoria do ‘povo’, uma sabedoria ativada, empregada e trabalhada no próprio cotidiano. Durante meu trabalho de campo no Góis, sempre que eu ‘ajudava’ minha avó a cuidar de suas ‘criações’ e perguntava sobre como ela tinha aprendido a cuidar de seus bichos, ela invariavelmente apontava sua mãe como grande responsável por muito do que sabia sobre criação. Além disso, falava muito dos ‘remédios do mato’ aos quais o ‘povo’ costumava recorrer quando um animal ou parente adoecia.

- *‘Sempre a gente dava remédio, mas remédio do mato, sabe... Se eu tivesse dado uma garrafada de babosa pra cabra ela já tinha ficado boa!’* – Sentada no alpendre, debulhando bagens de feijão, Dona Gonçalves conversava com seu neto sobre as serventias de seus remédios do mato, tão utilizados no ‘tempo antigo’.

- *‘A gente dava era rapa de Aroeira, lá do mato... Ela é tipo um antibiótico. A gente dá pra vaca botar o parto. A mãe tirava umas casquinha, uns pedacim assim, pra tirar o veneno. Acaba toda infecção! Tem o Marmeleiro... Marmeleiro, quem tiver empasinado, é só rapar uma coisinha... Era o remédio que nós tomava, antigamente. A gente tomava mais remédio do mato do que da farmácia’.* Antes da conversa tomar outro rumo, Dona Gonçalves falou sobre como seus filhos foram

criados com esses remédios. E disse: *'Hoje eu tenho preguiça de fazer e naquele tempo, eu não tinha. Não tinha dinheiro pra levar pra médico, nem pra doutor. Daqui que chegasse na Ipueiras de pés!*

'Antigamente', para acudir um adoentado no Góis, mães e avós costumavam recorrer aos 'remédios do mato', alguns dos quais ainda mantidos em armários situados nas cozinhas das casas, tal como costuma fazer minha própria avó, Dona Gonçalves. Em meio a outros remédios, alguns encontrados na farmácia, receitados por médicos, outros trazidos em encomendas enviadas por parentes de Brasília, os 'remédios do mato' sempre encontram seu espaço no armário de minha avó, um espaço cada vez mais disputado com os 'remédios da farmácia'.

O vai e vem de remédio entre o mato, a farmácia e o armário da casa, sempre encontra destino na goela de galinhas, na garganta de cabras e no couro dos porcos. Experimentados, buscados no mato, comprados na farmácia, dados por vizinhas, remédios e práticas terapêuticas que, 'antigamente', tinham terreno fértil para florescer, se defrontam com florescimentos outros, de novas práticas, de novos remédios, disposições, de novas casas, enfim, de um mundo mudado enquanto passado pelas mãos do 'povo novo'.

O 'tempo antigo', seja com as 'histórias', seja com as sabedorias dos 'antigos', levanta questionamentos sobre o andar do mundo, sobre um possível porvir, em um sentido que se pergunta: o que será deste povo? Se, de um lado, está em jogo um certo conjunto de continuidades, de práticas, de remédios, de sabedorias, por outro, estão em questão os desafios, as 'pelejas' cotidianas que demandam sempre a autoridade de quem sabe, de quem sabe e diz que sabe porque aprendeu, porque viveu e trabalhou, naquele tempo, com mães e avós. O 'tempo antigo', longe de ter sido cristalizado em um passado sempre distante, é reativado, tornado presente, posto em movimento no calor das demandas do cotidiano.

Para o povo do Góis, o 'tempo antigo' é preparado, cozinhado, dito em receitas e em conversas. O 'tempo antigo', ao mesmo tempo que persiste nos remédios dados às cabras, sempre é desafiado pelo 'povo novo' que dá muito trabalho e por bichos que surpreendem com os caprichos de seu 'querer'. No Góis, é em meio a tempos que o corpo é trabalhado, se desgasta e floresce em novos corpos, novas vidas a serem criadas. Neste passo, novas casas são levantadas, enquanto outras, vazias, se enchem de cobras. Neste ritmo, no ritmo por vezes monótono do cotidiano, o 'povo' vai aprendendo, ajudando, dando trabalho e florescendo.

Tomando Jeito na Oikologia da Casa de Dona Gonçalves e Seu Expedito

Em uma das manhãs de minha primeira estadia em campo, ainda em 2014, tia Maria e eu estávamos na croa de meus avós para quebrar algumas espigas de milho e apanhar feijão. Passando por comentários sobre parentes e vizinhos, acabamos nos detendo em uma conversa sobre a entrevista pela qual os agricultores do Góis precisam passar para conseguir a aposentadoria rural.

- *'Pra plantar não é fácil, tem que saber né...'*, comentou o neto de Dona Gonçalves.
- *'Tem que saber... Tem que saber tudo direitinho, assim! Observar! Eu mesmo sou acostumada a plantar, mas nunca observei com quantos dia é que nasce... E tem que a gente saber tudo isso... Quando você for se aposentar eles pergunta, sabe? Quantos dia é que o milho nasce? E o feijão?'*
- *'E se perguntarem, no momento da entrevista, e não souber responder?'*
- *'Aí, eles diz: nãaa, não é agricultor, porque agricultor sabe! Então, é tão chato porque você tem que saber uma base. Mas, na entrevista, você tem que dizer uma coisa certa, senão não passa.'*

Em seguida, tia Maria trouxe o caso de sua irmã, tia Valdete, que teria ficado preocupada com a possibilidade de não conseguir o aposento, já que residia há muitos anos em Brasília. *'A mulher era falante! Tinha aprendido a fala de lá!'*. Isso teria dificultado ainda mais o processo. O desfecho feliz, a obtenção da aposentadoria, teria sido graças ao 'costume' de ter sido criada trabalhando na roça.

Para tia Maria, quem é agricultor desde pequeno não teria dificuldade de responder às perguntas da entrevista. E tomava isso como ponto importante para a obtenção de seu aposento, apesar de ainda ter muito o que aprender: *‘Desde que eu nasci que eu trabalho na roça, mas ainda tem muita coisa que eu não sei’*.

Enquanto estive no Góis com a intenção de fazer meu trabalho de campo, busquei estar sempre à disposição para ‘ajudar’ meus parentes. Tendo-me, na maior parte do tempo, como a alternativa mais próxima de ‘ajuda’, os pedidos de minha avó por meu auxílio se multiplicavam na medida em que eu me tornava um bom exemplo de neto ‘corajoso’⁷, ainda que um tanto sem ‘jeito’. Cortando mato com meu avô, ‘mode’ este não cobrir a cerca e o milho, ajudando minha avó a ministrar remédios a seus animais, ajudando um parente, na casa e no roçado, eu participava de um processo de aprendizagem onde saberes, muito mais que transmitidos entre duas cabeças através de palavras, envolvem o trabalho com o corpo e contra o próprio corpo. É um trabalho que ‘desafia’, só podendo resultar em ‘povo’ bem alimentado, em cabras gordas, em uma criadora de respeito, se for na base da ‘peleja’ e ‘sacrifício’.

O saber-criar, assim como o saber-roçar, nunca vem pronto, dado acabado do ‘tempo antigo’, de maneira que possa ser abstraído e facilmente observado. Falo aqui de um saber da ordem do ‘costume’, isto é, do ‘se acostumar’ a criar e a trabalhar. Quem vive e trabalha no Góis aprende ajudando, ‘se acostumando’, como diz o ‘povo’. É um ‘costume’ que submete o corpo ao desgaste no exercício constante e contínuo do ‘trabalho’. É desta maneira que o corpo acaba passando por um processo que me remete ao que Gregory Bateson (1972, p. 172) chama de “deutero-learning”. Como nos explica Bateson, no processo de aprendizado, o aprendiz não apenas aprende, como também se adapta ao aprendizado, torna-se melhor em aprender, em outras palavras, aprende a aprender.

O senso de aprendizado, de que se está pegando o ‘jeito’, de que o trabalho está rendendo, o senso de que se está no meio, em seu sentido mais peirciano, isto é, no meio de estados, de processos de significação – “Ele percebe que uma ação é o meio para realizar um outro resultado” (PEIRCE, 1998, p. 5) – vinha junto, no Góis, na casa de meus avós, com o senso das gotas de suor pingando dentro dos olhos, os fazendo arder, enquanto o sol ardia na própria pele. Era assim que o corpo – meu e de meus parentes – era submetido ao ‘trabalho’. Criando, plantando, ‘se sacrificando’, chamando filhos e netos para ‘ajudar’, Dona Gonçalves e Seu Expedito tentavam, na mesma leva, fazer com que netos e filhos sem ‘jeito’ não só aprendessem a trabalhar, como também tomassem gosto pelo trabalho na casa e no roçado.

Para pensarmos no processo de habituação posto em prática na própria ‘peleja’ cotidiana, poderíamos invocar a teoria do “habitus” de Bourdieu (1980, p. 96), principalmente quando entre as várias definições que ele fornece ao conceito, o ressalta como “disposições duráveis e ajustadas”. Para Bourdieu, o “habitus” de uma classe ou “campo de relações” existe na função dialética entre as disposições duráveis, próprias do “campo” (e de quem nele foi habituado) e as condições objetivas do agente habituado, isto é, seu “sistema de disposições individuais”, que tem algo a dizer sobre seu “estilo pessoal”, sua marca individual, sua variante homológica no interior de um campo de disposições. Mas o que seria o “habitus” posto em ecologia, em oikologia⁸?

Em sua etnografia a partir de Ávila, uma comunidade Runa situada na parte equatorial da floresta amazônica, Eduardo Kohn (2013, p. 59), inspirado na semiologia de Terrence Deacon e Charles Peirce e em sua vivência entre o povo Runa, busca expandir o campo de investigação antropológica para lá do ser humano. É assim que propõe uma antropologia para além do humano. Um dos pilares de sua jornada “beyond human”, é a noção de “increasing fittedness”. Segundo este conceito, os diversos seres, entre eles os humanos, tendem a interpretar, em sua própria forma, os aspectos relevantes do ambiente onde convivem, segundo o modo

⁷ No artigo de Maya Mayblin (2010b), a categoria ‘coragem’ também é abordada, principalmente no sentido de aprender a ter coragem, de tomar coragem.

⁸ Trago aqui a raiz grega oikos – casa, habitação, domicílio – para acentuar o sentido de uma lógica ou sistema de criação e consumo próprios do que é criado e consumido nas casas e entre as casas.

como os demais seres interpretam, capturam, também em sua própria forma, demais aspectos do ambiente. Esse é também um conceito que versa acerca do porvir, caracterizando o mundo em sua eterna tendência a assumir hábitos.

Tendo esses conceitos em mente, proponho a questão: o que seria o “habitus” posto em ecologia ou em oikologia? Parece que se esvai qualquer função dialética entre o “habitus” próprio de um campo e as condições objetivas de seus agentes. Esse vai e vem dialético entre dois extremos fica comprometido pelo em-meio-a de uma teoria do “habitus” que leve em consideração que disposições duráveis convivem entre disposições-outras que, por seu turno, convivem, por vezes se misturam, com outras disposições. É assim que as condições de convivência dos agentes em uma oikologia são criadas, habituadas, acostumadas em meios dotados de uma viscosidade que torna fronteiras, espaços, “campos” expansíveis, capazes de serem contraídos e misturados por quem neles habitam.

No ‘povo’ do Góis, poderíamos dizer, cada condição oikológica de convivência traz consigo ‘costumes’ e ‘histórias’ convividas e contadas a cada vez que o povo se reúne para ‘ajudar’, ou para conversar no alpendre, na cozinha, após um longo dia de trabalho e ‘peleja’ com filhos, netos e animais de criação. Assim como parentes e vizinhas, desde muito cedo, ‘desde pequena’ Dona Gonçalves habitua pernas e braços ao ambiente de trabalho da casa e em meio às casas de vizinhas e parentes. Entre quintais e ‘terreiros’ do Góis, gente e ‘bicho bruto’ se sustentam, tomam corpo e engordam. Nesta ecologia de casas, o ‘povo’ floresce em outras casas, outros roçados, quintais e ‘terreiros’. É partindo da casa dos velhos, dos ‘primeiros’, dos avós e bisavós, que o ‘povo’ ultrapassa os limites do Góis, levantando casas onde o ‘povo’ anda e se cria⁹.

Pensar a casa em oikologia, como ambiente de entre-habitação de parente e ‘bicho bruto’ não dispensa, necessariamente, uma visão da casa como expressão simbólica do mundo e no mundo, como princípio de organização do cosmos materializado em sua própria estrutura e arquitetura.¹⁰ Mas ainda que uma abordagem oikológica da casa não precise abrir mão de uma investida simbólica, esta investida precisa sempre ser posta diante da questão: com que outras formas de significação estes símbolos habitam e compõem a casa? Em que medida a casa, como expressão simbólica e cristalizada, é desmanchada, conformada, aberta e fechada a expressões outras? O que acontece com a casa em meio à viscosidade e calor das emoções, das expressões de desejos que se põem em disputa? Eis a casa como expressão da ‘peleja’ com e da dona da casa com o pai de família, em meio às vizinhas e netos, com cabras e galinhas.

* * *

Os animais de criação que convivem com o ‘povo’ nas casas, ainda que ‘brutos’, são ‘cheios de vontade’. ‘São uma benção!’, como diz Dona Gonçalves com doses de ironia. Juntamente com suas vontades, tais animais conservam uma sabedoria própria do ‘plano de Deus’. É que os animais de criação, diz o povo, foram dados a nós por Deus. Nas palavras de Dona Gonçalves, ‘Deus deixou assim né? Pra gente criar e depois matar, pra comer!’. É assim que, segundo a cosmologia compartilhada pelos moradores do Góis, as criações, os bichos do mato e os pets, tais como cachorros e gatos, são criaturas de Deus, postas no mundo juntamente com o ‘povo’. Se, de um lado, todas as criaturas foram criadas por Deus, apenas algumas dentre elas – as criações – foram dadas ao ‘povo’ para que as criem e matem para comer.

Para que cabras, porcos e galinhas engordem, floresçam, faz-se necessário lidar com suas ‘sabedorias’ dadas por Deus. Saber-‘lutar’ com estes animais faz parte do saber-criar, do ‘jeito’ que se toma no ‘costume’ de criar, um ‘costume’ criado no próprio convívio diário com as criações.

⁹ Nessa imagem das casas goisianas misturo também o que Lévi-Strauss (1979, p. 154) ressalta acerca da casa como importante categoria nativa, como vetor de laços verticais entre filhos, pais, avós, até onde a memória puder levar, mas também de laços horizontais, entre grupos de irmãos e irmãs. Deixo em nota também que o estudo de Marcelin (1999) sobre as “configurações de casas” no Recôncavo Baiano é esclarecedor para a imagem da organização social das casas goisianas que construo nesse trabalho.

¹⁰ Para uma análise da casa como expressão simbólica do mundo e no mundo ver Roxana Waterson (1990).

Uma criadora como Dona Gonçalves, por saber, toma para si a autoridade com relação à estrofia cotidiana de alimentar, vigiar, pôr e tirar de chiqueiros e de currais uma diversidade de animais. Esta é uma estrofia que exige de suas mãos uma ‘coragem’ adquirida ao longo dos anos, uma ‘coragem’ diariamente testada, materializada em mais um ovo botado, marcada em mais uma veia quebrada no corpo. Menos mal que encontre parentes com gosto de ‘ajudar’, em meio a ‘ajudas’ não encontradas.

Um Povo com Gosto de Ajudar

Na comunidade rural do Góis, provações surgem no caminho de mães e avós, principalmente no caminho das consideradas ‘sofredoras’, como também aponta Maya Mayblin (2010a, p. 68) em sua pesquisa entre moradoras de uma comunidade nordestina chamada Santa Lúcia. ‘Provações’ têm que ser cumpridas, enfrentadas, enquanto uma mãe, uma avó conta com as ‘ajudas’ que parentes e vizinhas se dispõem a dar.

‘Toda a vida eu gostei de ajudar! Não era nem por ganhar, é porque eu gostava. O povo precisava, não é como hoje... Antigamente, a gente tinha que ir na Ipueiras ou em Nova Russas de pés pra se consultar com o médico’. Estas palavras são de minha avó, que conversava comigo no alpendre de sua casa. Ela me contava a ‘história’ de um parto que fizera há muito tempo. Apesar de não ter se dedicado a estes partos tanto quanto sua própria mãe, seus serviços deram-lhe alguns ‘filhos de pegação’, e ‘fama’ de pessoa que não somente ‘ajuda’, mas que gosta de ‘ajudar’.

O vai e vem de ‘ajudas’ entre as criadoras do Góis pode ser entendido em suas doses calculadas, nem sempre acertadas. Na “falta de um atributo estável e determinado” (STENGERS, 1997, p. 29), traço próprio do nem-tanto, lidando com instabilidades próprias de um “pharmakon”, quem ‘ajuda’ está sempre em meio viscoso, escorregadio, entre o capricho e o desleixo. Não é sempre que uma criadora recebe as ‘ajudas’ com as quais esperava contar para enfrentar uma ‘provação’, ou simplesmente para pôr as cabras no curral. Vizinhas e parentes podem negar ‘ajudas’, sendo consideradas ‘nojentas’. Por outro lado, há criadoras que, de tanto gostarem de ‘ajudar’, o fazem de forma exagerada, tomando suas ‘ajudas’ uma espécie de “dom envenenado” (BAILEY, 1971, p. 24) que torna o “povo” preguiçoso, sem ‘coragem’ para criar e trabalhar.

Na casa de minha avó, assim como em outras casas de outras avós espalhadas pelo Góis, ‘ajudas’ sempre encontram oportunidade de serem dadas. Essa é uma oportunidade na qual misturo o sentido que Stengers e Pignarre (2005, p. 189) dão à palavra, quando escrevem sobre práticas que chamam de “oportunistas”, isto é, práticas que não tomam um corpo teórico como guia, como juiz capaz de qualificar a prática como mais ou menos adequada a uma situação. As ‘ajudas’ que filhas dão nas casas de suas mães quando estas precisam se ausentar, as ‘ajudas’ no parto de uma cabra que não consegue parir sozinha, são criadas a cada oportunidade de ‘ajudar’. Assim também, cabe a um e outro neto que se disponha, cabe ao ‘homem da casa’, ‘ajudar’ na ‘peleja’ com os bichos quando se perdem no mato. Nessas ocasiões, são os homens que se aventuram em procurar animais perdidos, ainda que, em certas circunstâncias, acabem encontrando o caminho do bar.

A tentativa de controlar as movimentações das criações talvez seja o que mais ocupa a criadora no dia-a-dia de ‘peleja’ com animais. Um tal controle, feito de maneira descuidada, em meio à falta de ‘ajuda’ ou com ‘ajudas’ que só atrapalham, é geradora de dor de cabeça para a criadora. O descuido com as andanças de porcos e cabras no quintal e nos terreiros alheios gera desavenças entre vizinhas. Além disso, estes animais podem ir até a estrada, o que não raro resulta em acidentes graves envolvendo carros e motos. Finalmente, os próprios cachorros, se por vezes úteis na vigilância da casa, nos momentos de pôr animais em chiqueiros e currais, também podem gerar grave dor de cabeça aos seus donos e donas. Um bom exemplo é quando os cachorros atacam criações alheias, tornando-se ‘viciados’, como também apontam Luan Teixeira e Dibe Ayoub (2016, p. 149) em artigo sobre cachorros do Sertão dos Inhamuns-CE e do interior do município de Pinhão-PR.

Quando doenças e acidentes intervêm em uma casa no Góis, para além da mobilização de remédios, uma criadora como Dona Gonçalves, uma mãe como Maria do Evandro, põem-se a pensar e a mobilizar forças e mãos de uma maneira que me remete ao que Stengers e Pignarre

(2005, p. 5) chama, inspirada em Deleuze, de “pensar pelo meio”, isto é, sem um horizonte ideal ou definições bem assentadas, sem claras coordenadas. Isto é verdade mesmo quando alguém no Góis dispõe de uma boa rede de ajudas, isto é, composta por parentes considerados unidos e ‘corajosos’ e por vizinhas ‘gente boa’. No calor da ocasião, um parente pode sempre faltar, um santo pode não acudir, e a cada falta – de ‘ajuda’ e de ‘jeito’ – a ‘peleja’ da criadora para criar um ‘povo’ gordo e unido pode acabar em maldizências, em filhos e criações malcriadas e, na pior das hipóteses, no encurtamento da vida de gente e ‘bicho bruto’.

Mais que terreno fértil a uma prática de bricolagem, isto é, uma prática de compor com o que há, as redes de ajudas no ‘povo’ do Góis poderiam apresentar-se interessantemente a uma lente ecosófica arquitetada por Guattari (1990). Penso que podemos acompanhar as andanças e ‘pelejas’ postas à cabo por mães e avós no Góis se olharmos para suas redes de ajudas como meios ecosóficos que se re-criam com incidentes, como meios que, para além de se realinharem perante detalhes acidentais, com estes se apresentam, se alimentam, se criam.

Seja em momentos de aperreio com um filho adoentado, seja em momentos que pedem uma simples companhia para procurar no mato um ‘remédio do mato’, uma criadora como Dona Gonçalves mobiliza parentes e conhecidos, santos e rezas, netos e genros que ajudem com gosto e sem ‘pena’ de ‘ajudar’. Este é um sentimento difícil de controlar, suas doses mal administradas podem resultar em ainda mais ‘sacrifício’ por parte de uma avó, de uma mãe. Pode resultar também, como vimos no primeiro tópico, na morte lenta, ainda mais dolorosa, de um animal.

Em uma das tardes do primeiro semestre de 2014, tendo se levantado de um cochilo após o almoço, Dona Gonçalves dirigiu-se ao alpendre de sua casa. Seu neto já estava por ali conversando com o avô. Eles observavam o movimento na ‘rodagem’, onde transitavam algumas das cabras de Dona Gonçalves. Duas delas aproximaram-se tanto do pequeno portão que separa o alpendre do ‘terreiro’, que apenas não se apoiaram sobre ele por um provável medo de repreensão por parte de sua criadora. Aos olhos do neto de Dona Gonçalves, as cabras pareciam aguardar que alguém lhes desse milho. - *‘Essas cabra, em vez de ficar no mato, vem pra cá pra olhar pra gente’* – disse Dona Gonçalves, em tom repreensivo. E continuou: - *‘Em vez delas aproveitar o tanto de mato que tem neste inverno pra se fartar e aguentar o verão, mas não... De certo que elas pensa que eu tenho milho pra dar de comer a elas... Se quiser que elas vão se lascar pra lá!’*

Enquanto Dona Gonçalves repreendia suas cabras, um cabrito aproximava-se do alpendre. Logo após ‘dar fé’ do animal, seu neto abriu o pequeno portão e começou a acariciá-lo. - *‘O bichim tá é magro... Mas não tem nada, porque não vamos comer ele agora’* – disse Dona Gonçalves, levantando-se da cadeira. - *‘A vó não fica com pena de matar o bichim?’* - *‘Fico... Eu nem sei nem se vou matar... mas tem que matar... Eles são criados pra isso... E Deus fez eles pra isso.’*

Em outra conversa que Dona Gonçalves teve com seu neto à noite, no alpendre, o assunto era a matança dos bois. - *‘E pra matar um boi, como é que faz?’* - *‘É os homem que mata. La no curral. Largam o boi e aí eles tacam bem no cachaço, com o machado, no matador. A gente sabe onde é o matador’*, disse Dona Gonçalves. - *‘É bem no pescoço, é?’* - *‘E bem aqui... bem no cachaço. Num instante que dá uma pancada, ele cai. E aí, sangra. Quando vão matar um porco aqui, eu saio pra longe... e essas vaca, eu tampo é os ouvido. Ora, a bichinha da aquele béeee. A bichinha... Mas Deus deixou assim, né, pra gente criar e depois matar, pra comer. Mas a gente que cria, desde quando a bichinha é pequena, se apega...- ‘Até com as galinha?’- ‘Até com as galinha! Unhum! Tem uma que sai atrás de mim: cócócócó... Aí a gente quer matar?’*

Provavelmente acentuada em ‘lembranças’ de tantos pescoços de galinhas puxados por suas mãos, a ‘pena’ de Dona Gonçalves chega a fazê-la duvidar de sua disposição para matar suas criações. Este sentimento de ‘pena’ pode facilmente tornar-se nocivo, ‘empatando’ a morte rápida, sem tanto sofrimento de um bicho criado no ‘terreiro’ e quintal da casa, como vimos ainda no começo do artigo. Não é à toa que as avós-mães-criadoras que vivem e convivem com seu ‘povo’, com seus bichos, deleguem ao marido, a um e outro genro, filho ou neto, a morte de suas criações.

Para o ‘povo’ do Góis, uma das grandes virtudes de uma pessoa é sua capacidade de dar, de ‘ajudar’ sem ‘pena’. Em aperreios com parentes e conhecidos, aquela que ‘ajuda’ sem ‘pena’, é tida como ‘gente boa’, capaz de ‘ajudar’ parentes e conhecidos e que ajuda porque ‘gosta

de ajudar'. Por outro lado, quem dá com 'pena' é capaz de fazer o que é dado, o que é feito, por ser 'feito de mal gosto' se estragar, ou mesmo fazer mal a quem recebe a 'ajuda'. Em última instância, uma pessoa 'penosa' pode acabar em uma situação nada cômoda: não encontrar sossego mesmo após a morte, virando 'visagem', 'alma penada'. Neste estado, não lhe resta muito o que fazer além de pedir 'ajuda' para que rezem por sua alma, ou mesmo pedir para que desenterrem uma botija (recipiente onde é posto e enterrado alguma quantia em dinheiro). A tal botija, mesmo abandonada pelo dono, conserva algo dele, o mantendo apegado ao mundo dos vivos por causa da quantia guardada, não compartilhada, em uma espécie de desassossego pós-morte, que o impede de encontrar o tão recompensador descanso com o último suspiro.

* * *

Nos quintais e 'terreiros' do Góis, as criações nascem e se criam. Nos matos e nas rodagens, elas escapam de se perder, de se estrear. Enquanto trafegam pelas 'rodagens' ou mesmo pela estrada que liga o Góis aos municípios da região, esses animais escapam de serem atropelados por um motorista desatento. Cabritos, bacorinhos (filhotes de porcos) e pintos crescem e engordam no Góis, nas mãos de suas criadoras, conforme o 'de-comer' não falte, conforme resistem a doenças e desviam das pedras de uma e outra vizinha indignada com suas plantas comidas por esses animais sempre muito vorazes.

Todos esses 'bichos brutos' convivem e sobrevivem com o 'povo', nas casas e entre as casas. Em torno de cabras em trabalho de parto, o 'povo' se reúne ajudando. Em torno de bodes servidos no almoço, o 'povo' se alimenta, conversa e conta 'histórias'. Em caixas enviadas a parentes e amigos que vivem em casas tão longe, espalhadas pelos sertões, pelo mundo, o bode já criado, abatido, tratado e bem salgado, manda e traz 'lembranças', e o gosto de comer do que foi criado 'lá em mãe'.

Em meio a isso, nas andanças cotidianas de toda uma vida, Dona Gonçala, entre tantas avós-mães-criadoras de tantos 'povos', se põe em movimento, mantém o sangue circulando, sem 'pena'. As criadoras do 'povo' do Góis e de outros sertões esquentam o corpo e o 'de-comer' servido todo santo dia para um neto, um parente, uma visita que seja. Elas põem em movimento, desgastam o próprio corpo, 'se sacrificam' no "processo de parentesco" (CARSTEN, 1997, p. 107), no processo de criar, de 'pelejar' com parente e 'bicho bruto'.

Concluindo ou, Já Mataram o Bode?

Compreendendo que a 'ajuda' no quintal de sua tia estava terminada, diante do corpo do bode já devidamente abatido e desmembrado, o neto de Dona Gonçala retornou à casa de sua avó.

- 'Já mataram o bode?' – perguntou Dona Gonçala, percebendo seu neto entrando na cozinha, vindo do quintal.
- 'Já! Mas parece que ele tava ruim de morrer'.
- 'É porque você tava com pena, não era não?'
- 'O Evandro disse que era. E você não tem pena?' – seu neto perguntou.
- 'A gente cria é pra matar mesmo. Aquela cabra velha que eu tenho, aquela que já tá caduca, é para matar, a bichinha. Mas acho que não vou ter coragem de matar a Caduca...'

A Caduca não teve o mesmo destino do bode abatido por Evandro. A pobre da Caduca, em tantos anos vividos no quintal de minha avó, com tantas crias dadas e alimentadas tinha a regalia de porções a mais de milho. A Caduca, já tão sacrificada em partos fáceis e complicados, tendo escapado de doenças que lhe acometeram ao longo da vida, ia vivendo mais um dia por ali, no quintal de minha avó.

No 'povo' do Góis, no 'povo' de tantas casas espalhadas por tantos sertões, mães e avós se sacrificam a cada dia, em idas a um posto de saúde, a cada feijão colhido, cabra bem-criada. É também no 'povo' do Góis e de outros sertões que filhos e netas florescem em mais casas, gente e

bichos para criar. E é nos quintais e cozinhas do Góis que a vida circula nos pratos, na gordura acumulada no corpo, sendo transformada em suor de quem ‘ajuda’.

Para os moradores e moradoras do Góis, é certo que o ‘tempo’ muda, seja com a vinda do ‘tempo das chuvas’, seja com a vinda do ‘tempo dos festejos’ e de todos os tempos que o ‘povo’ se põe a lembrar e a contar. Por mais passageiro que seja, não obstante, por mais distante que fique na lembrança, o ‘tempo’ teima em persistir em todas as veias quebradas, teima em se reinventar em meio a um novo Góis, a um ‘povo novo’, tão mudado. O ‘tempo’, em todas as ‘histórias’ é contado, em sabedorias é ensinado e é desafiado nas andanças de netos e filhas que levantam e espalham casas em terras cada vez mais cheias e disputadas.

O trabalho nas casas e entre as casas do Góis é um trabalho sem fim, reiniciado a cada manhã, só encontrando momentos de sossego aqui e acolá, quando a última boca é alimentada, quando a última galinha é posta em seu lugar, no poleiro. Menos mal se uma criadora como Dona Gonçalves tem à disposição um filho, uma neta ‘corajosa’, nascida e criada ‘trabalhando’. Ou, pelo menos, um neto disposto a ‘ajudar’, a habituar o corpo aos chamados e pedidos de ‘ajuda’.

Na casa, no ‘terreiro’ e no quintal, cabras, porcos e galinhas berram, sujam, rasgam sacos de milho, pulam e chocam onde não devem. Tanto melhor se pelo menos só dão trabalho dentro de casa, como diz o ‘povo’. Tanto pior se cabras, bodes, cachorros e galinhas, assim como netos, filhas e sobrinhas, vão dar trabalho nas casas alheias, nos ‘terreiros’ alheios. Estes bichos, tão danados e desobedientes, tão cheios de querer, podem, quando menos se espera, comer as plantas da vizinha, quebrar uma cerca, pular sobre as cisternas, comer as ‘criações’ de alguém.

‘Tá pensando que é só dar o ‘de-comer’?’, costuma dizer Dona Gonçalves, minha avó, do ‘povo’ do Góis, sobre suas criações. Foi em meio à peleja deste ‘povo’ para florescer em gente e ‘bicho bruto’ que aprendi que o ‘sacrifício’ se dá na própria tentativa, ainda que por vezes frustrada, de manter o fluxo de vida em movimento, de transformar sangue e suor em ‘coragem’ e gordura, de gente e ‘bicho bruto’. Durante os meses que passei no Góis, no ‘povo’ do Góis, com avós-mães-criadoras, percebi que a vida se reproduz na própria estropia de si, no contínuo movimento do abrir e fechar de corpos, na viscosidade de seus fluidos e em sua capacidade de derreter fronteiras que teimam em se estabilizar, em endurecer, em coalhar.

Referências

BAILEY, F. G. *Gifts and poison*. Oxford: Basil Blackwell, 1971.

BATESON, G. Social planning and the concept of deuterio-learning. In: BATESON, G. *Steps to an ecology of mind*. London: Jason Aronson, 1972. p. 166-183.

BOURDIEU, P. La maison kabyle ou le monde renversé. In: POUILLON, J.; MARANDA, P. (org.). *Echanges et communications: mélanges offertes à C. Lévi-Strauss à l’occasion de son 60ème anniversaire*. La Haye: Mouton, 1970. p. 739-758.

BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Editions de Minuit, 1980.

CARNEIRO, A. O “povo” parente dos Buracos: mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CARSTEN, J. *The heat of the hearth*. New York: Oxford University Press, 1997.

COMERFORD, J. C. Lutando. In: COMERFORD, J. C. *Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Dumará Publicações, 1999. p. 19-47.

FIGURELLI, M. *Família, escravidão, luta: histórias contadas de uma antiga fazenda*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus, 1990.

HUBERT, H.; MAUSS, M. *Essai sur la nature et la fonction du sacrifice*. Québec: [s. n.], 2002.

IBGE. *Ipueiras*. Brasília, [20–]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/ipueiras.pdf>. Acesso em: 12 out. 2017.

- JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: JAKOBSON, R. *Linguística e linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1965. p. 118-162.
- KHON, E. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement. *American Ethnologist*, Washington, v. 34, n. 1, p. 3-24, 2007.
- KOHN, E. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- LAMBEK, M. Afterthoughts on sacrifice. *Ethnos*, Stockholm, v. 79, n. 3, p. 430-437, 2014.
- LAMBEK, M. Sacrifice and the problem of beginning: meditations from Sakalava mythopraxis. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, London, v. 13, p. 19-38, 2007.
- LAW, J.; MOL, A. El actor-actuado: la oveja de la Cumbria en 2001. *Política y Sociedad*, Madrid, v. 45, n. 3, p. 75-92, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, C. *A via das máscaras*. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O totemismo hoje*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MALINOWSKI, B. The problem of meaning in primitive language. In: ODGEN, C. K.; RICHARDS, I. A. (org.). *The meaning of meaning: a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism*. London: Routledge & Kegan Paul, 1953. p. 296-337.
- MARCELIN, L. H. A linguagem da casa entre os negros de Recôncavo Baiano. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 31-80, 1999.
- MAYBLIN, M. *Gender, catholicism, and morality in Brazil*. London: Palgrave Macmillan, 2010a.
- MAYBLIN, M. Learning courage: child labour as moral practice in Northeast Brazil. *Ethnos*, Stockholm, v. 75, n. 1, p. 23-48, Mar. 2010b.
- MAYBLIN, M. The untold sacrifice: the monotony and incompleteness of self-sacrifice in Northeast Brazil. *Ethnos*, Stockholm, v. 79, n. 3, p. 342-364, 2014.
- PALMEIRA, M. Política e tempo: notas exploratórias. In: PEIRANO, M. (org.). *O dito e o feito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 171-179.
- PEIRCE, C. Of reasoning in general (1895). In: PEIRCE EDITION PROJECT (ed.). *The essential Peirce: selected philosophical writings*. Bloomington: Indiana University Press, 1998. v. 2, p. 11-26.
- SÁ, G. J. S. Outra espécie de companhia: intersubjetividade entre primatólogos e primatas. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 2, p. 77-100, 2012.
- STENGERS, I. *Cosmopolitiques: la guerre des sciences*. Paris: La Découverte, 1997. t. 1.
- STENGERS, I.; PIGNARRE, P. *La sorcellerie capitaliste: pratiques de désenvoûtement*. Paris: La Découverte, 2005.
- TEIXEIRA, L.; AYOUB, D. Cachorros que atacam criação: reflexões éticas sobre a mobilidade e a vida social dos animais em ambientes rurais. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 136-165, ago./dez. 2016.
- TSING, A. Unruly edges: mushrooms as companion species. *Environmental Humanities*, Durham, v. 1, p. 141-154, 2012.
- WATERSON, R. *Living house: an anthropology of architecture in South-East Asia*. Oxford: Oxford University Press, 1990.